



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **DESVENDANDO A MASCULINIDADE EM “O QUINZE” E “VIDAS SECAS”**

Viviane Almeida Pires

*Faculdade Kurios – [vivianemat26@ig.com.br](mailto:vivianemat26@ig.com.br)*

Maria Thaís de Oliveira Batista

*Universidade Federal Rural de Pernambuco – [taholiveira.thais@gmail.com](mailto:taholiveira.thais@gmail.com)*

Francisco Roberto Diniz Araújo

*Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – [robertodinizaemd@hotmail.com](mailto:robertodinizaemd@hotmail.com)*

### **Resumo**

O presente artigo propõe uma discussão sobre a construção da imagem do homem nordestino, associado à figura do sertanejo, na construção da identidade nordestina e as consequências da composição desta imagem através das obras “O Quinze” e “Vidas Secas”. Para isso, dialogaremos com o autor Durval Muniz Albuquerque Júnior que, em épocas distintas, traçou um pensamento sobre o Nordeste e a complexa representação da identidade regional. Neste sentido, discutiremos o surgimento do macho nordestino descrevendo o contexto histórico, no qual esse fato ocorreu através de um perfil das características masculinas dos personagens. Procuramos estabelecer paralelos entre os romances, onde foi estudada a maneira como se dá a produção do masculino a partir das relações estabelecidas entre os protagonistas das obras. O trabalho se deu através do processo de reflexão e análise das teorias e conceitos dos autores Raquel de Queiroz e Graciliano Ramos. Portanto, trata-se de um estudo que traça o modo como se dá a construção da identidade dos personagens principais. Uma identidade que é pensada a partir da produção dos sujeitos e pelo contato com o mundo no qual estão imersos.

**Palavras-chave:** Gênero, Sujeitos, Identidade, Nordeste, Regionalismo.

### **Introdução**

O presente trabalho discorre sobre uma análise feita dos romances “O Quinze”, de Raquel de Queiroz e “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, que tem por objetivo comparar



ambas as obras. Considerando os seus processos descritivos e confrontando os aspectos regionais e a realidade social dos sujeitos envolvidos nas tramas.

As duas obras estão ligadas contextualmente entre si em um aspecto notório quando analisamos a temática que traz como tema central a luta pela sobrevivência em um mundo onde se perpetua a desigualdade, como também enfatizam o regionalismo nordestino que obteve relevante importância no apogeu da literatura brasileira.

O Quinze e Vidas Secas são caracterizados pela denúncia social e pelo descaso das autoridades nacionais com relação aos problemas naturais e sociais existentes no Nordeste. Como afirma Albuquerque Júnior:

A angústia do Nordeste eterniza-se, como se fôramos miseráveis párias, sem outro direito que a esmola hipócrita dos poderosos. Uma população forte e capaz, experimentada pela mais rude batalha que pode um homem travar contra a natureza, uma população aparentemente fraca, mas possuidora das maiores e mais soberbas qualidades de resistência orgânica, de extraordinária robustez intelectual e de tenacidade insuperável, uma população assim esvaindo-se, morrendo pelo descaso dos que lhes deveria zelar a existência. Continua o Nordeste abandonado, esquecido, sacrificado, absorvendo energias do seu povo nesses anos terríveis, em que a natureza se compraz com o martírio dos homens (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 167).

Neste contexto, abordaremos com mais profundidade os personagens masculinos, Vicente em “O Quinze”, e suas relações com a terra, com o gênero feminino e com os seus subordinados e Fabiano em “Vidas Secas”, no qual ressaltaremos o ambiente em que se passa a sua história. Em ambos os romances, serão destacadas as descrições dos espaços, os fatores naturais, sociais e comportamentais, como também a representação literária regional que trata das influências diretas da seca na vida do povo do sertão nordestino.

A conexão estabelecida entre as obras aqui apresentadas, em especial entre os personagens acima mencionados, dar-se através das experiências de ser homem, ou seja, o sujeito enquanto ser masculino que define tanto a identidade de gênero quanto a construção da identidade regional nordestina.

Nesse sentido, dialogaremos com os aspectos teóricos de Albuquerque Junior (2013), que trata como essa identidade pode ser construída a partir de um discurso sobre o “ser macho”, com o propósito de traçar uma história dos homens na perspectiva de gênero, quando



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

estes são produtores do processo histórico, e ao mesmo tempo são também resultado ou produto desse mesmo processo.

Cada vez mais, o processo de individuação fazia com que cada um fosse ao mesmo tempo sujeito e objeto de sua própria experiência, cada um não mais se definindo por modelos tradicionais do feminino e do masculino, mas fazendo um trabalho de elaboração de si diferenciadora (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 40).

Além disso, o autor pondera sobre a produção das subjetividades masculinas, suas relações de força que direcionam as estratégias articuladas nesse processo, igualmente com os procedimentos de subordinação dos indivíduos e a idealização de estereótipos, como os discursos que produziram o ser nordestino.

Os romances “O Quinze” e “Vidas Secas” são histórias narradas por escritores nordestinos, nascidos em épocas distintas, embora muito se assemelhem no tocante à sensibilidade diante dos problemas sociais enfrentados na região Nordeste. Estas obras evidenciam as influências que as características regionais exercem sobre a literatura, a exemplo da problemática da seca vivenciada pelo povo sertanejo e do princípio da masculinidade, abordado no decorrer deste texto.

### **Metodologia**

A metodologia utilizada neste estudo foi à bibliográfica e documental, cuja coleta de informações, conceitos e dados foram retirados em livros, revistas, artigos científico, teses, dissertações, publicações eletrônicas e outros documentos escritos, com abordagem exploratória e de cunho qualitativo, que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, em função de oferecer uma visão panorâmica num determinado fenômeno que é pouco explorado. O embasamento teórico direcionou a pesquisa. Neste caso, a pesquisa em questão, recorreu-se a autores que possuem experiência e dedicação consideráveis à investigação do objeto em estudo.

Este artigo objetivou identificar os processos descritivos dos personagens de duas importantes obras da literatura brasileira “O Quinze”, de Raquel de Queiroz e “Vidas Secas”,



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de Graciliano Ramos, confrontando os aspectos regionais e a realidade social dos sujeitos envolvidos no cenário nordestino.

Compreende-se nesse âmbito que o estudo bibliográfico centra-se nas contribuições teóricas de vários autores que realizaram artigos, dissertações e teses sobre as formas de utilização do objeto a ser pesquisado. Conforme Martins (2000, p. 28): “trata-se, portanto, de um estudo para conhecer as contribuições científicas sobre o tema, tendo como objetivo recolher, selecionar, analisar e interpretar as contribuições teóricas existentes sobre o fenômeno pesquisado”.

Os dados foram predominantemente descritivos; a preocupação com o processo é maior que o produto; “o significado” que as pessoas dão às coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p.11).

Assim, o estudo tem base descritiva das características apresentadas pelos vários autores sobre a importância dessa temática, bem como o estabelecimento de relações entre variáveis e fenômenos que subsidiam uma análise documental.

A partir dos métodos de análises das pesquisas bibliográficas, diversas correlações com a teoria construtivista se harmonizam para a realização de um estudo interpretativo e analítico.

### **Os sujeitos e suas histórias**

Os estudos de Albuquerque Júnior (2013, p. 87), espelhados em Freyre associam o declínio da masculinidade à instauração da República que:

Embora tenha nascido sobre o domínio viril dos militares, a República, ao cair em mãos civis, rapidamente se desvirilizara, perdendo progressivamente o apoio dos seus próprios fundadores. Já no final dos anos dez, setores militares já se mostravam descontentes com os caminhos seguidos pela República. O projeto autoritário, paternalista e hierárquico da República positivista tinha dado lugar à lassidão do projeto liberal, perdido em suas próprias contradições de um modelo importado de realidade distinta da nossa. Para Freyre e outros pensadores conservadores, a República foi sendo prostituída, à medida que se deixou deslumbrar por modelos estrangeiros de civilização e de estrutura política, sem desenvolver uma forma de



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

governo condizente com nossas tradições patriarcais, católicas e, por que não dizer escravocratas e monárquicas.

Para o autor, os discursos da elite intelectual nordestina da época demonstram o sentimento de que a República, associada à Abolição da escravidão trouxeram ameaças à ordem, à autoridade e à hierarquia das tradições do Brasil católico, escravista e monárquico, em função das inclinações de cunho nivelador da sociedade, caracterizando a perda da identidade nacional e exteriorizando uma metáfora de gênero, provocando a quebra das fronteiras dos sexos.

Esse período foi então caracterizado como a transição de uma sociedade patriarcal para a individualista, industrial ou burguesa, que com as mudanças nas relações de trabalho ganha espaço com a nova legislação trabalhista. Dessa forma, a democratização da sociedade implantada pela República influencia as mudanças nos costumes aristocráticos, modelo familiar até então visto como a célula nuclear da ordem social.

Neste novo cenário social torna-se incontestável a alteração do poder entre homens e mulheres, uma vez que promove a horizontalização das relações de domínio, e consequentemente, traz a público a mulher, que em paralelo a esse evidente declínio da masculinidade ganha espaço de destaque, como menciona Albuquerque Júnior (2013),

A República, em suas primeiras décadas, é também marcada pela emergência da participação política da mulher, não apenas daquela participação tradicional das mulheres, que se resumia aos bastidores das tramas políticas encetadas por seus maridos e parentes masculinos, quando não de seus amantes, mas uma participação pública, em que a própria mulher e sua situação social passam a ser a causa em nome da qual se luta. Para Freyre, este seria outro indício da derrocada da família patriarcal, as mulheres deixaram as sombras de seus maridos, filhos, pais, “onde atuavam como animadoras e colaboradoras das atitudes políticas destes, consolando vencidos ou aconselhando triunfadores”, para se tornarem, agora, agentes do próprio mundo da política, vindo a se colocar como cidadãs, com direitos, em pé de igualdade com os homens, reivindicando o direito de serem sujeitos públicos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013 p. 90).

Em meio a essa crise do masculino provocada pela República, pela Abolição e consequentemente pela ascensão do gênero feminino na sociedade, surge um novo discurso pautado em um ponto de encontro entre certo número de acontecimentos históricos e climáticos, fruto de um conjunto de operações que culmina com a criação de um sujeito



histórico regional, um estereótipo rústico, em virtude do meio em que vive que forja o “macho” que irá representar a reserva do verdadeiro brasileiro e de virilidade de acordo com o discurso regionalista produzido por intelectuais ligados à elite, e que se opõem aos costumes da cultura moderna.

Ainda, sobre a construção do nordestino e sobre o seu papel, o autor afirma,

É na reação ao mundo moderno, que parecia querer embaralhar as fronteiras entre os gêneros, que vinha feminizando perigosamente a sociedade e a região, provocando a desvirilização dos homens e a masculinização das mulheres, que o nordestino é inventado como um tipo regional destinado a resgatar padrões de masculinidade que estariam em perigo; um verdadeiro macho capaz de restaurar o lugar que seu espaço estava perdendo nas relações de poder em nível nacional. Buscando no passado os seus modelos, esse homem seria a única personagem capaz de reescrever a história de seu espaço, dando-lhe um novo rumo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 249).

Dentre as figuras que foram mencionadas neste contexto pelo autor, surge o que podemos compreender como aquela que mais é pensada quando se fala do Nordeste, a figura do “cabra-macho”, a junção de uma série de imagens e enunciados sobre o habitante dessa região. Mas, não se nasce um “cabra-macho”. Esse ser é fruto da tentativa de formação de uma raça regional que tende a naturalizar os papéis de gênero e assim, justificar a dominação masculina. Esses papéis aprendidos nas instituições sociais vão reproduzir a centralidade que o falo tem na vida dos homens, visto que, desde o nascimento, os homens são tratados a partir do que o falo pode produzir nas relações, isso fica claro nos rituais de masculinização a que os sujeitos são submetidos desde a infância para serem vistos socialmente como homens e mais, como macho, um ser viril, forte e dominador.

### **Análise do gênero masculino em “O Quinze” e “Vidas Secas”**

No âmbito da literatura, passamos agora a comparar os percursos dos protagonistas de dois romances produzidos em pleno processo de construção da figura do “macho nordestino”.

As obras, “O Quinze” e “Vidas Secas” não são uma apropriação diretamente uma da outra, mas são os reflexos do regionalismo da época. Diálogos semelhantes e contínuos numa



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mesma temática, mostrando os espaços físicos típicos da região Nordeste e suas desigualdades sociais.

Existe um paralelo entre os personagens: enquanto Vicente em “O Quinze” luta pela sobrevivência dos animais, Fabiano Em “Vidas Secas” luta pela sua própria sobrevivência e de sua família. Sobre Vicente, trabalharemos em paralelo com Conceição para elevar o princípio da masculinidade em “O Quinze”. Quanto a Fabiano, levaremos em consideração dentro do gênero masculino, principalmente os fatores sociais e hierárquicos.

O macho nordestino, pela ordem natural, no sistema de hierarquias, representa a verticalização do poder que rege a sociedade patriarcal, onde o autoritarismo é centralizado na figura do pai, herança do período colonial, em que o homem, o macho, a figura imponente e incontestável do patriarca possui o domínio absoluto sobre os demais sujeitos.

Vicente, personagem possuidor dos traços distintivos descritos nos discursos do estereótipo nordestino, “muito vermelho, queimado do sol, os traços afinados pela labuta desesperada [...] falava lentamente com seu modo calmo de gigante manso. Era mesmo o homem forte do sertão, de beleza sadia e agreste, tostado do sol, respirando energia e saúde” (QUEIROZ, 2011, p.81). Nesse ambiente, onde o homem “[...] só com uma exagerada dose de virilidade se conseguiria sobreviver numa natureza adusta, ressequida, áspera, árida, rude; traços que se identificaria com a própria masculinidade” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 172),

Apesar de Vicente se apresentar em posição de destaque sobre os outros indivíduos, ele se coloca no mesmo patamar que os seus empregados, diante da situação de dificuldade vivida por todos. Como também se sugere uma nova construção de comportamento que é a de uma relação mais humana e solidária entre patrão e empregado. Neste contexto podemos atestar que Vicente surge como um elemento que começa a quebrar este modelo hierárquico ao se dirigir ao seu vaqueiro João marreca: “enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude, trato do que é meu [...] também não vou abandonar meus cabras numa desgraça dessas” (QUEIROZ, 2011, p.16). Essa passagem é o ápice da solidariedade e humanização, que marca o personagem, que mesmo sendo um homem rude e ignorante,



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

inspira força e honestidade, tendo em vista não somente sua sobrevivência, mas sim a de seus empregados e também dos animais.

Percebemos em “O Quinze”, a representação a ascensão do gênero feminino na sociedade através da figura de Conceição, que representa a mulher autônoma, detentora do conhecimento, que conquistou seu espaço independentemente do universo masculino. Conforme explicita Albuquerque Júnior (2013),

Esta maior visibilidade social das mulheres, cada vez mais fora do espaço doméstico, leva a reações de desgosto por parte de homens que representariam esta ordem patriarcal ameaçada. Estes tentam definir a feminilidade a partir de uma reação ao que seria a mulher moderna (p. 39).

Vicente, diante das dificuldades impostas pela seca, dedica a maior parte do seu tempo ocupando-se em salvar o gado da fome e da sede e acaba deixando de lado os assuntos de sua vida amorosa. Ele nutre um sentimento de estima e admiração por sua prima Conceição, que também alimenta certa afinidade por seu primo, embora seus valores e objetivos tomem caminhos divergentes. Ambos vivem submetidos a um gostar que não se concretiza.

Trancado em seu universo de solidão e cansaço, “Vicente foi recordando sua vida de trabalho ininterrupto, desde os quinze anos – trabalho de sol a sol, sem descanso e quase sem recompensa...” (QUEIROZ, p. 46). E, em um momento de alucinação vê-se diante de Conceição que representa um encanto novo a sua rude resistência:

E no seu orgulho áspero, como uma porta hostil que se fecha, fechou-se a qualquer intimidade com a prima, doendo-lhe que ela também o julgasse incapaz de uma sensação delicada, de um mais alto interesse nesta vida, que não fosse vaquejar ou nadar.

Só pouco a pouco foi verificando que a prima o fitava com grandes olhos de admiração e carinho; considerava-o, decerto, um ente novo e à parte; mas a parte como um animal superior e forte, ciente dessa sua força, desdenhosamente ignorante das sutilezas em que se engalfinham os outros, amesquinados de intrigar, amarelecidos de tresler...

Foi-lhe grato por essa simpatia. Perdeu com ela a timidez receosa que o entravava. E abriu-lhe o seu coração de menino crescido depressa demais, onde dormia, concentrada, muita energia desconhecida, muita força primitiva e virgem (QUEIROZ, 2011, p. 48-49).

Voltando a sua consciência normal, Vicente depara-se com a realidade, ainda mais perversa, além do ambiente devastado pela seca que o envolvia, a impossibilidade de concretização do seu sentimento era latente em seu peito, pois, embora tenha um forte apreço por Conceição, não assume esse sentimento por se considerar inculto em relação a ela e teme que a mesma não aceite as condições de relacionamento que seriam impostas de acordo com os padrões masculinos em vigor, criando assim mais um conflito entre os gêneros.

Em contraponto com “O Quinze”, partimos agora para a análise de “Vidas Secas”, evidenciando as características do gênero masculino com ênfase no personagem Fabiano que apresenta todas as características do sertanejo nativo, quando:

O sertanejo é mostrado como “a vanguarda invencível desse exército civilizador” enfrentando a rudeza da natureza do sertão. Seria um homem sóbrio, enxuto de carnes, desconfiado e supersticioso, raras vezes agressivo, súbito nos seus arremessos, calado com as imensas planícies em que nasceu, calmo no gesto e na fala descansada e, sobretudo, e antes de tudo, forrado de intraduzível melancolia, que lhe fluiria dos olhos, da face carrancuda, do sorriso esquivo, de toda a sua expressão, de todas as curvas ríspidas do seu corpo ágil, feito de aço flexível (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 187).

Apesar de Fabiano possuir as características fisiológicas associadas ao estereótipo do “macho nordestino”, ele não representa esta sublime figura, pois hierarquicamente não exerce nenhum tipo de influencia sobre a sociedade, definindo-se como um bicho, como um bruto. O autor, através desse personagem, apresenta o conjunto de hábitos e ações do sertanejo de forma explícita, como se pode constatar em:

— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.  
Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.  
Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigia-a, murmurando:  
— Você é um bicho, Fabiano.  
Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho capaz de vencer dificuldades.  
Chegara naquela situação medonha — e ali estava forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.  
— Um bicho, Fabiano. (VS, 1997, p. 18)



Enquanto que, em um determinado momento, Fabiano se acreditasse homem, dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade, não conseguia se sentir homem, porque ele, socialmente, não era visto como homem. Supõe-se isso, pelo fato de ser fisicamente aceitável como homem e pelas características apresentadas, mas ele, como ser social, não era homem, pois “vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos”. Essa condição humana vivida por ele dava-lhe a entender que não possuía as condições necessárias ao exercício das funções de chefe de família, a que eram-lhes atribuídas, já que não conseguia dominar nem a si mesmo. Essa contradição baseia-se na oposição atribuída ao personagem “entre ser homem e ser animal”. Contudo, após uma análise de si mesmo, “julga-se cabra”. Segundo Albuquerque Júnior “E era uma cabra por ser como este animal, tão bem adaptado a esta natureza de pedra, seca, capaz de sobreviver comendo o que estivesse disponível. Anguloso como a cabra, o cabra nordestino quase vivia, também, em chiqueiros...” (2013, p. 171-172).

Assim, Fabiano é aquele que conhece seu lugar no mundo, ou melhor, sua falta de espaço. Julga-se, como já foi mostrado, a todo tempo, um bicho, um ser desumano. Os meninos, o mais novo e mais velho, também carregam na falta de nomes próprios, representando a anulação no campo social, pois, se falta sobrenome à sinhá Vitória e a ele mesmo, a essas pobres criaturas faltam nome e sobrenome.

## **Conclusões**

Os romances analisados chamam atenção para os seus processos de representação do regionalismo e do realismo social, através da literatura, tornando evidente que a articulação dos diálogos é parte integrante do processo de captação da dinâmica histórica.

Por todo o exposto, somos levados a concluir este trabalho entendendo a trajetória de Vicente e Fabiano ao serem moldados pela natureza e pela sociedade.

Então, de acordo com o discurso de Albuquerque Júnior (2013), percebemos que a identidade regional nordestina é inventada como uma “reação viril”, aos processos de feminilização da sociedade. O tipo nordestino, como mostramos em Vicente e Fabiano é



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

voltado para a preservação do passado regional, tradicional e patriarcal que estava em declínio.

Nessa perspectiva, o romance moderno, pelo que teoricamente sabemos esclarece muito do que Raquel de Queiroz e Graciliano Ramos propõem, através de seus personagens, ressaltando seres configurados pelos aspectos sociais que não encontrando mais respostas externamente, decidem recorrer à consciência.

Em suma, a discussão propôs olharmos com maior afinco para os personagens dos romances modernos, levando em conta os discursos literários, os quais são norteadores e motivadores de pesquisas como esta. Além disso, esse estudo faz com que se abram muitas possibilidades em análises sociais e psíquicas de personagens, o que torna a literatura uma constante na construção do conhecimento.

### Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste-1920/1940)/1ª Edição/** Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste-1920/1940)/2ª Edição/** Durval Muniz de Albuquerque Júnior. São Paulo: Intermeios, 2013.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986. p. 179-202.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações.** 2 ed., São Paulo: Atlas, 2000.

QUEIROZ, Rachel de. 1910-2003 O Quinze / Raquel de Queiroz. - 92ª ed. –Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** 97ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.